

O revisionismo histórico na União Soviética e na Rússia pós-soviética: anotações sobre a obra de Dmitri Volkogonov

REGINALDO BENEDITO DIAS*

Resumo: Na União Soviética, durante o período da perestroika, emergiu um processo de revisão da história daquele país, cujos parâmetros eram estabelecidos e controlados pelo monopólio do poder exercido pelo partido comunista. Iniciado com o objetivo de buscar na história soviética as balizas para a reestruturação socialista, à medida que a crise se acentuou e as reformas fracassaram, esse processo ultrapassou os limites previstos pelo Estado e resultou no questionamento de todo o passado soviético e de seus cânones. Quando a União Soviética se desintegrou, havia se sedimentado uma visão niilista do passado relacionado à revolução bolchevique. O objetivo deste artigo é abordar como o fenômeno do revisionismo histórico foi sistematizado na obra de Dmitri Volkogonov, um dos autores mais representativos do final da União Soviética e dos primeiros anos da Rússia pós-soviética, utilizando como fontes as biografias que ele produziu sobre os mais emblemáticos líderes da revolução soviética: Lênin, Trotsky e Stalin.

Palavras-chave: Perestroika; Glasnost; Revolução Russa; Memória histórica; Dmitri Volkogonov.

Historical revisionism in the Soviet Union and in post-soviet Russia: notes on Dmitri volkogonov's work

Abstract. During the Perestroika period, a revisionist process of the country's history was on the way, with parameters established and controlled by the Communist Party's power monopoly. It aimed first to foreground socialist restructuring in Soviet history. However, as crisis after crisis occurred and reforms failed, the process went beyond the limits foreseen by the State and gave rise to questioning the Soviet past and its dogmas. After the disintegration of the Soviet Union, a nihilist worldview on the past related to the Bolshevik Revolution was established. Current paper deals with the phenomenon of historical revisionism systemized by Dmitri Volkogonov, one of the most relevant authors flourishing at the end of the Soviet Union and the first years of post-Soviet Russia. The biographies produced by him on the most emblematic leaders of the Soviet Revolution, Lenin, Trotsky and Stalin, are the sources consulted.

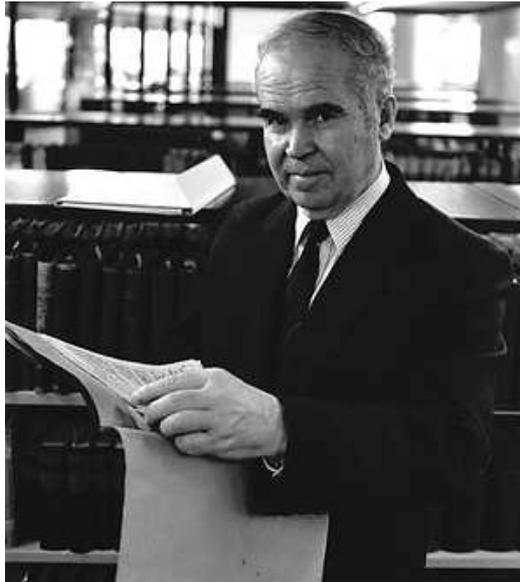
Key words: Perestroika; Glasnost; Russian Revolution; Historical memory; Dmitri Volkogonov.



* REGINALDO BENEDITO DIAS é Professor associado do Dep. de História da Universidade Estadual de Maringá.

Preâmbulo

Em 1987, quando se aproximava o jubileu do septuagésimo aniversário da Revolução de Outubro de 1917, Mikhail Gorbachev preparava, então, o discurso que iria proferir na solenidade de comemoração da efeméride. Seu objetivo era não apenas saudar o



Dmitri Volkogonov (1928-1995)

grande evento histórico, mas relacioná-lo com as tarefas e desafios vividos sob sua liderança, que foram traduzidos na palavra de ordem da reconstrução socialista, conhecida como “perestroika”, à qual se somava a política de transparência (Glasnost).

Ciente de que se esperava de seu discurso a avaliação de um conjunto de complexas questões do passado, do presente e do futuro da União Soviética, Gorbachev foi buscar inspiração e ensinamentos nos escritos do líder máximo do bolchevismo, conforme revelou em recente livro de memórias: “dediquei-me novamente aos escritos de Lênin sobre os primeiros anos do poder soviético e li tudo, sem exceção” (2016, p. 419). Nos principais escritos e pronunciamentos do período de sua liderança, Gorbachev advogou a ideia de que Lênin era a “fonte ideológica da perestroika”, da qual se deprenderiam as ideias básicas sobre a construção socialista e o método criativo de enfrentar situações novas (GORBACHEV, 1987a e 1987b).

Não surpreende o fato de que o líder soviético buscasse inspiração e proteção na autoridade de Lênin. Naquele país, o

monopólio do poder exercido pelo partido comunista era extensivo à produção e à irradiação da escrita da história e da memória histórica (FERRO, 1983 e 1989). Se havia uma crise e era demandada uma política de reformas e retificações, o limite estava circunscrito no imaginário histórico fundado pelo bolchevismo.

No entanto, à medida que a crise se acentuou e as reformas fracassaram, movimentos originados na incipiente sociedade civil, ultrapassando os limites previstos pelo Estado, questionaram o passado soviético e puseram em xeque suas balizas e cânones (DIAS, 1995). Quando ocorreu a desintegração da União Soviética, sedimentara-se uma visão niilista a respeito do passado relacionado à revolução bolchevique, bastante ramificada nas forças políticas emergentes (KAGARLITSKY, 1993).

O objetivo deste artigo é abordar como esse fenômeno do revisionismo histórico foi sistematizado na obra de Dmitri Volkogonov, um dos autores mais emblemáticos do final da União Soviética e dos primeiros anos da Rússia pós-soviética. Militar de carreira e antigo Chefe do Instituto de História Militar, Volkogonov havia nascido e crescido na União Soviética de Stalin. Desde a “Era Brejnev” (1964-82), investiu em estudos biográficos dos personagens mais representativos da revolução.

Segundo R. W. Davies (1989, p. 56), quando Volkogonov era vice-chefe da

administração política do Exército, condenara os escritores soviéticos pela falta de patriotismo na avaliação tanto do passado quanto do presente, mas havia se engajado, durante a perestroika, a repensar a história revolucionária de seu país. Desenvolveu, então, um olhar progressivamente revisionista, consolidado com o fim da União Soviética, quando se tornou assessor do Presidente Boris Ieltsin. De 1991 a 1993, chefiou a desclassificação dos documentos sigilosos do Estado e do partido comunista (VOLKOGONOV, 2008). Com acesso privilegiado aos arquivos, consolidou sua obra.

Em 1990, divulgou a biografia de Stalin, cuja primeira parte havia sido concluída em 1985 (VOLKOGONOV, 2004). Em 1992, publicou a biografia de Trotsky (VOLKOGONOV, 1996), sucedida pela biografia de Lênin (VOLKOGONOV, 2008a). Além disso, editou um livro com capítulos biográficos dos sete chefes de Estado da União Soviética (VOLKOGONOV, 2008b), entre os quais, no caso, Trotsky não se incluía. Quanto mais o tempo passava, mais seu olhar se tornava crítico e ácido. Sua morte precoce, em 1995, impediu que seus estudos fossem aprofundados, mas é uma intervenção bastante representativa do olhar revisionista sobre o passado soviético.

Suas obras são extensas e cobrem um vasto leque de temas. O objetivo não é cotejar a forma como cercou e interpretou o emaranhado de fatos e processos. Interessa, sobretudo, entender a evolução de sua visão sobre o significado do bolchevismo e da Revolução de Outubro na história russa. A análise vai se deter nos perfis que traçou de Lênin, Trotsky e Stalin, tomando como fonte as obras discriminadas no parágrafo anterior.

Como escreveu Volkogonov: The swerves, the collisions and the tragedies of Soviet history can be observed in sharp relief when seen through the prism of these three personalities” (VOLKOGONOV, 1996, p.xxxii).¹

Retratos e perfis

Na época em que Volkogonov escreveu a biografia de Stalin, havia o intervalo de cerca de 30 anos do discurso de Nikita Krushev no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), realizado em 1956, por meio do qual o novo líder denunciou “as violações à legalidade socialista” cometidas por seu antecessor. Nascido em 1928, Volkogonov teve sua educação, em certa medida, influenciada por esse fato. Como seu livro foi escrito na fase inicial da perestroika e divulgado em seus últimos anos, a narrativa beneficia-se desses influxos, mas também é expressão das hesitações e vicissitudes das primeiras manifestações da revisão histórica. Por um lado, a imagem de Stalin havia sido confrontada nas gerações anteriores; por outro, o significado de seu legado permanecia em disputa mesmo durante a perestroika, sobretudo nos altos escalões do Estado soviético.

O historiador inglês R.W. Davies, em obra destinada a analisar a revisão da história soviética no curso da perestroika, comentou a primeira versão do prefácio da biografia de Stalin que Volkogonov divulgou antes da publicação da obra:

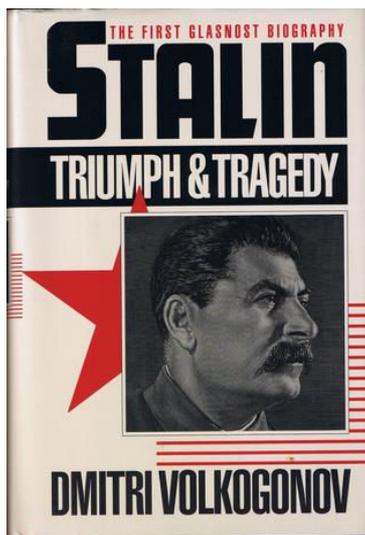
¹ “Os desvios, as colisões e as tragédias da história soviética podem ser observados em acentuado relevo quando vistos através do prisma dessas três personalidades”.

Numa versão preliminar da futura obra, associou as tragédias do período de Estaline à sua personalidade, vendo-se depois a braços com o difícil problema de como essas tragédias poderiam ter sido evitadas. “Estou profundamente convencido”,

escreveu, “de que o desenvolvimento socialista poderia ter evitado estas manchas negras ... se não tivesse desenvolvido um déficit de poder popular após a morte de Lenine” (DAVIES, 1989, p. 57).²

Embora considerasse Stalin inferior em inteligência, moral e personalidade na comparação com outros dirigentes soviéticos, Volkogonov ponderou: “numa altura do conflito pela implantação de um novo sistema, o poder de decisão e a vontade política do dirigente tinham um significado ímpar” (apud DAVIES, 1989, p.57). Naquelas circunstâncias, considerando ainda a capacidade de Stalin “se servir do aparelho do partido“, Volkogonov inferiu, nos termos dessa versão preliminar: “parece que após a morte de Lenine, quase até o começo dos anos 30, Estaline foi o mais acerbo e resolutivo defensor da linha do partido, que foi dirigida para a consolidação e fortalecimento do Estado soviético” (apud DAVIES, 1989, p. 57).

Não obstante, na interpretação do historiador russo, a tragédia poderia ter sido evitada “se o potencial democrático que fora criado por Lenine tivesse continuado após a sua morte”



(DAVIES, 1989, p. 57). No início da perestroika, Volkogonov não tinha distância suficiente para criticar o fundador do bolchevismo, visto que o objetivo, naquele período, era reconstruir o edifício, cujas bases precisavam ser preservadas. Assim, Lênin, era a régua pela qual deveriam ser medidas as demais personalidades e as políticas de Estado. Na introdução à biografia de

Trotsky, que concluiria após a extinção da União Soviética, Volkogonov asseverou que não era possível fazer uma avaliação honesta de Lênin no início das reformas. Fundamentalmente, o historiador ainda se considerava leninista. Suas dúvidas e confrontos se acentuaram a partir de então (VOLKOGONOV, 2008b, p. 394).

Algumas afirmações da versão preliminar do prefácio citado por Davies foram atenuadas na edição final da biografia de Stalin, mas o texto divulgado preservou linhas significativas daquela interpretação.

Volkogonov sabia quanto a historiografia oficial de outros tempos havia sido manipulada para superestimar a estatura de Stalin nos acontecimentos anteriores a 1917 e durante a revolução (PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA, 1999). Por isso, desmistificou, por exemplo, a versão de que Stalin teria feito parte do comando que derrubou o governo provisório e tomou o poder em outubro de 1917, reconhecendo a primazia do Comitê Militar Revolucionário, liderado por Trotsky.

Entretanto, na sucessão de Lênin, o historiador descreveu as eficientes

² A variação dos nomes de Lênin, Stalin e Trotsky para Lenine, Estaline e Trotski decorre de citações de obras traduzidas em Portugal.

manobras de Stalin e destacou sua astúcia, inferindo que ele detinha superioridade tática sobre os adversários, especialmente sobre Trotsky. Em outras palavras, “embora não fosse um teórico, era superior a muitos de seus colegas na abordagem pragmática da teoria e na capacidade de ligar, para os melhores resultados, a teoria com a prática” (VOLKOGONOV, 2004, p. 122).

A respeito das capacidades intelectuais de Stalin, sustentou que o líder era um mestre da simplificação e que sua mente seria prisioneira da abordagem esquemática (VOLKOGONOV, 2004, p.118). Ponderou, porém, que Stalin não era incapaz nem inculto. Tinha formação intelectual, era um leitor voraz e tinha uma mente bem organizada, traços que seriam perceptíveis pela maneira como programou sua biblioteca, da qual era frequentador assíduo. Em sua avaliação, “talvez o aspecto mais negativo das contribuições teóricas de Stalin esteja no fato de ele ter arrancado a essência humanista do socialismo e a substituído, gradualmente, pelo que pode ser chamado de ‘socialismo sacrificial’” (VOLKOGONOV, 2004, p. 121).

Ao abordar a popularidade de Stalin, que considerava genuína, apesar da máquina de propaganda, Volkogonov lançou um olhar relativamente indulgente sobre a obra do líder soviético, mesmo condenando os métodos utilizados:

Apesar das enormes falhas morais e do sacrifício físico, a sociedade não se degradara, e diversas conquistas foram consumadas nas esferas econômica, social e cultural. Sem dúvida, se o líder tivesse calibre moral mais apurado, as conquistas teriam sido maiores, mas a verdade é que a natureza patológica do culto a Stalin não retardou por inteiro o

desenvolvimento da sociedade (VOLKOGONOV, 2004, p. 262).

Expressando uma visão até certo ponto dicotômica acerca daquele processo, Volkogonov lamentou que, na encruzilhada histórica do congresso partidário que avalizou a guinada staliniana em favor da industrialização concentrada e a coletivização do campo, o desenvolvimento tenha ficado incompleto: “Ao optar pela construção socialista e pela industrialização, o congresso transformou-se em ponto de referência da história do país, mas os princípios democráticos não foram, da mesma maneira, formulados para desenvolvimento ulterior” (VOLKOGONOV, 2004, p.116). Essa era uma das tarefas da perestroika, associada à política da glasnost.

Refugiando-se na autoridade do fundador do bolchevismo, apontou que o testamento político de Lênin não fora seguido corretamente:

As ideias de Lênin, tal como expressas no testamento, subentendiam um amplo espectro de medidas democráticas. Ele propôs o aumento no fluxo de sangue novo no partido e na liderança do estado, o fortalecimento do papel dos sindicatos, juntamente com o dos soviets, das organizações sociais e dos órgãos de segurança, e que a liderança prestasse mais contas aos operários. Mesmo que não fizesse referências a plebiscitos, referendos, pesquisas de opinião, fiscalização obrigatória da liderança ou rotação estrita nos quadros do partido, e outras características similares da democracia, estava implícito um sentido de equidade no que advogou no fim da vida (VOLKOGONOV, 2004, p. 98).

Para Volkogonov, o perigo já estava instalado, mas os alertas de Lênin foram

desprezados pela liderança, imersa na guerra pelo poder. Ao interpretar o testamento, o historiador russo entendeu que o caminho seria uma liderança coletiva, tal como se depreendia, em sua percepção, das recomendações do líder maior. Recusou, assim, tanto a liderança que emergiu com Stalin quanto a alternativa representada por Trotsky: “Lênin podia considerar Stalin inadequado para o posto, mas a candidatura de Trotsky não era muito melhor. Nenhum dos dois ‘líderes notáveis’³ deveria assumir o leme da gigantesca nau do estado russo”(VOLKOGONOV, 2004, p.89).

O Trotsky que emergiu desse texto, conquanto fosse recuperado seu protagonismo em cenas capitais da revolução, ainda trazia as tintas fortes da historiografia oficial. Pelos critérios de interpretação de Volkogonov, nos livros que havia escrito no exílio, Trotsky quase sempre focalizaria o próprio destino. Portanto, seus livros trariam “a marca de um egocentrismo trágico. A fama, a popularidade e a glória passaram a ter mais valor para ele que o alimento” (2004, p. 141). Sobre a sua atribuída ambição e seus contornos, adicionou:

A principal causa de seu drama pessoal repousou no fato de que, em última análise, ele pôs suas ambições pessoais em primeiro lugar e por elas enfrentou um oponente inescrupuloso. (...) Dono de uma mente original e poderosa, em função de seu caráter altamente ambicioso, Trotsky aos poucos entrou nas fileiras dos inimigos irreconciliáveis do socialismo stalinista. Seu ódio pessoal pelo Secretário-Geral com frequência venceu a decência elementar,

³ Na carta conhecida como testamento, Lênin dissera que Trotsky e Stalin eram os líderes mais notáveis do Comitê Central.

mesmo em relação aos ideais e valores que tão recentemente proclamara (VOLKOGONOV, 2004, p.143).

Reconheceu que “Trotsky enxergara através de Stalin antes dos outros e não se curvara a ele”; mas atribuiu-lhe a inabilidade de, ao combater, conseguir insultar toda a nação (VOLKOGONOV, 1994, p.144). Sua maior fraqueza, medida pelo contraste com o mito oficial em torno de Lênin, seria a seguinte:

Fica claro nas obras de Trotsky que ele não partilhava na totalidade as ideias de Lênin. Por exemplo, depois da morte de Lênin, Trotsky tentou usar a ideia de democracia socialista como arma, enquanto ainda defendia métodos autoritários. Deu a impressão de estar mais próximo do bonapartismo, do cesarismo e da ditadura militar que da ideia de o povo exercer poder genuíno (VOLKOGONOV, 2004, p. 88).

O brilho intelectual de Trotsky seria empanado por outros traços de personalidade (VOLKOGONOV, 2004, p. 88):

Com a mesma idade de Stalin (...), Trotsky era um intelecto mais refinado, mais brilhante, mais rico. Testemunhas da época e biógrafos, todos, concordam que suas proposições eram vivazes, sua cultura solidamente europeia, sua energia ilimitada, que era tribuno majestoso e amplamente lido. Mas exagerava a importância de sua própria personalidade, mostrava-se superior, era arrogante, autoritário e categórico com todos, exceto Lênin, e parecia intolerante com as ideias de outros. Naturalmente, criaram aversão a ele.

A biografia de Trotsky veio ao mundo após o fim da União Soviética, em 1992. Seu pioneirismo foi ressaltado na

apresentação, onde se lê que se tratava da primeira biografia em larga escala de Trotsky a emergir na Rússia (VOLKOGONOV, 1996). Conforme esclareceu, Volkogonov dialogou com a literatura ocidental e com os biógrafos de Trotsky, principalmente com Isaac Deustcher. Acima de tudo, o historiador pôde usar os arquivos do antigo Estado soviético.

No fim da União Soviética, houve reabilitação de líderes bolcheviques que tinham sido executados por ordem de Stalin. Trotsky não se incluía entre eles, visto que sua execução havia ocorrido por meios não-oficiais, no exílio do México (VOLKOGONOV, 1996, p. xxiv). O perfil que emergiu dessa biografia resgata o personagem histórico sem muitos dos traços caricaturais que haviam sido pintados pela historiografia oficial soviética e que estavam entronizados na memória social. Mais do que repor seu protagonismo histórico, Volkogonov destacou suas teses sobre a burocratização e sobre o stalinismo, sem com isso aderir a elas, e identificou certa grandeza e dignidade no trágico personagem. O autor não abriu mão, contudo, da condenação final ao bolchevismo, incluídos todos os seus chefes.

Volkogonov problematizou as polarizações extremadas existentes diante do nome de Trotsky, traduzidas em opiniões e sentimentos contrastantes: ódio e respeito, ira e admiração, glorificação e anátema. Criticou, também, os estereótipos e a demonização patrocinados pela historiografia oficial. Seria exaustivo cotejar as inúmeras questões abordadas no livro com a bibliografia que já havia no Ocidente. Deve-se reconhecer que essa biografia, até pelo seu ineditismo naquele país, repôs Trotsky em sua

condição de protagonista histórico, embora sempre seja possível problematizar as principais inferências e a abordagem dos episódios e processos. Certamente, os seguidores de Trotsky e os especialistas em sua biografia e obra teriam matéria-prima abundante para fazer contrapontos.

Para os objetivos desta análise, o que mais importa é entender a singularidade do perfil de Trotsky que Volkogonov traçou, na relação mais geral com a construção do regime soviético e com sua crise. A baliza principal do historiador, parafraseando suas palavras, era a de que Trotsky havia sido um dos arquitetos do sistema burocrático e totalitário soviético, cujos efeitos terríveis precisavam ser erradicados da vida russa (VOLKOGONOV, 1996, p. XXXII).

A narrativa de Volkogonov é conduzida por meio dos contrastes que atribui ao personagem, definido como um homem de paradoxos, contrapondo a problemática democrática de suas análises como oposicionista com a realidade do regime que ajudou a erigir. Para ele, Trotsky sintetizava o que havia de fascinante e repulsivo nos bolcheviques (VOLKOGONOV, 1996, p. XXXII).

Nesse movimento pendular, ao comentar as críticas que Trotsky havia dirigido a Lênin antes de 1917, quando o comparava a uma caricatura de Robespierre, salientou que elas estavam bem próximas da verdade (VOLKOGONOV, 1996, p.3). Entretanto, assinalou que, da conjuntura da revolução em diante, os dois líderes mantiveram uma colaboração próxima e construtiva. Trotsky era orador talentoso, o maior da revolução, mas portaria falsas ideias (1996, p.84). Apesar de brilhantismo e da elegância

com que era capaz de abordar temas complexos, não raro seria superficial.

Asseverou que Trotsky, depois da revolução, nutriu admiração sincera por Lênin e não questionava sua primazia, mas também instrumentalizaria sua memória para as finalidades da luta política (1996, p.96). Teria assumido deliberadamente a condição de segundo homem da revolução, com pretensões de suceder o primeiro. Tornando-se o segundo homem da revolução, era o mais próximo em radicalismo e determinação. Juntos, os dois líderes teriam sido os arquitetos do sistema soviético.

No resgate da figura histórica, reconheceu a importância de Trotsky em 1917 (1996, p. 79) e citou suas advertências sobre a burocratização do regime (1996, p.246). Embora a teoria revolucionária de Trotsky fosse combatida após a morte de Lênin, indicou que, em 1917, todos pareciam partilhar ideias semelhantes (1996, p. 199). Também denunciou como manipulação a versão de que, ao defender a necessidade da revolução internacional, Trotsky tivesse uma atitude derrotista diante da construção do socialismo na União Soviética (1996, p. 201).

Sua avaliação do programa de Trotsky segue o movimento de ponto e contraponto. Na luta pela sucessão de Lênin, distingue os programas de Trotsky e de Stalin. Trotsky esperava combinar as mudanças, que implicavam industrialização concentrada e coletivização da propriedade, com a afirmação de um regime democrático no partido e no país. Tratar-se-ia de um objetivo impossível, dada a ditadura unipartidária (VOLKOGONOV, 1996, p. 265).

“Homem de paradoxos”, Trotsky havia sido, por um lado, convicto defensor de métodos radicais para resolver problemas sociais, econômicos e culturais, mas, por outro lado, tinha lutado pela democratização do regime do partido. Por isso, considera que a característica mais intrigante de Trotsky teria sido a de tentar inutilmente combinar o incombinável: totalitarismo e democratismo, militarismo e cultura. Enfim, Trotsky, nominado como “herói da revolução”, seria a expressão das contradições da própria revolução russa (VOLKOGONOV, 1996, p. 272)

Contradições e paradoxos à parte, Volkogonov não dissociava Trotsky do que chama de totalitarismo soviético. Apontou que Trotsky condenava o terror de Stalin, mas omitia o que ele praticara no início da revolução, justificando, depois, que havia diferença de natureza: ele usara o terror contra os opressores; Stalin, contra o povo. Para Volkogonov, muitas das “ideias totalitárias” de Trotsky teriam sido materializadas no novo Estado. Ele teria sido um dos arquitetos do “absolutismo burocrático”, embora não demonstrasse consciência disso em nenhum de seus escritos (VOLKOGONOV, 1996, p. 422).

Por fim, considerou que o destino trágico de Trotsky emprestou-lhe grandeza e dignidade. Usando a imagem do monumento que lhe foi dedicado no México, onde foi assassinado por um agente de Stalin, opinou que o obelisco seria a lembrança de que Trotsky foi o primeiro a entender Stalin e o stalinismo de dentro da URSS e o primeiro a enxergar os sinais da degeneração bolchevique. A amargura e a tragédia de seu destino tornariam sua vida memorável.

Quando começou o que veio a se tornar sua trilogia sobre os líderes mais

emblemáticos da revolução russa, Volkogonov, de certo modo seguindo o diapasão que Gorbachev tentou irradiar no início da perestroika, compartilhava a ideia de que era preciso resgatar o espírito e o método de Lênin para reformar o país. Todavia, quando escreveu a biografia do fundador do bolchevismo, não mantinha mais esse ponto de vista. No livro sobre os sete chefes, confessou sua mudança interior: “de fato, eu ainda era leninista, conquanto encare agora minha emancipação dos dogmas leninistas como a maior vitória de minha vida. Fomos todos enganados. Lênin foi, afinal de contas, o pai espiritual de Stalin” (VOLKOGONOV, 2008b, p. 81).

No curso das reformas, o debate sobre passado, que teve início colocando o período da liderança de Stalin em pauta, com objetivo de corrigir suas distorções, avançou em sua dinâmica regressiva. Em 1988, por exemplo, havia grande mobilização a respeito da hipótese de a Nova Política Econômica (NEP), instituída por Lênin em 1921, não ter sido interrompida.⁴ Compartilhando

⁴ Durante a Guerra Civil (1918-1921) que sucedeu a Revolução de Outubro, o Estado soviético adotou uma rígida política de centralização das atividades econômicas que ficou conhecida pelo nome de “Comunismo de guerra”. Embora não houvesse ocorrido a coletivização da propriedade do campo, a produção era requisitada para satisfazer as demandas da guerra contra as forças contrarrevolucionárias e em defesa do nascente regime. Em 1921, com o fim da guerra civil, foi adotada a Nova Política Econômica (1921-1928). O objetivo era aliviar as tensões acumuladas durante a guerra civil e recuperar os indicadores econômicos. Baseada na cobrança de um imposto em espécie dos produtos agrícolas, a NEP caracterizava-se por sua dinâmica de economia mista, na qual conviviam o setor estatal e o setor privado, sob o domínio do primeiro. Essa política teve êxito relativo na recuperação econômica, restabelecendo os

apontamentos que colheu do exame de importantes periódicos, Davies inferiu que havia se formado, em influentes meios intelectuais, um “novo consenso radical” (o termo foi cunhado por ele). Tal consenso, explicou, rejeitava

abertamente a coletivização da agricultura nos finais da década de 1920 e refere que deveria ter continuado a estratégia de cooperação voluntária do campesinato defendida por Lenine, e que a planificação administrativa não deveria ter substituído a economia mista de mercado da NEP. Defende também que no sistema político os princípios leninistas foram abandonados logo após a morte de Lenine, se não mesmo antes. Todo o período estalinista é visto como um significativo desvio do caminho para o socialismo (DAVIES, 1989, p. 227)

Baseada na economia mista, a NEP era vista como predecessora das políticas da perestroika (DAVIES, 1989). A imagem de Lênin era instrumentalizada para avalizar esse caminho. Sedimentava-se a convicção de que outros caminhos históricos teriam sido viáveis e desejáveis na década de 1920. Todavia, acelerando seu ritmo regressivo, sob estímulo da persistência e do aprofundamento da crise, a revisão do passado atingiu a proibida zona do período leniniano, início dos anos 1920 e guerra civil. Lênin também passou a ser alvo de críticas severas acerca de sua responsabilidade sobre medidas coercitivas dirigidas contra seus adversários e opositoristas. Em pouco

indicadores do período anterior à guerra mundial, mas havia polêmicas sobre sua relação com a edificação socialista, objetivo último da revolução. Em 1928, teve impulso a grande virada, comandada por Stalin, em favor da coletivização do campo e da industrialização acelerada pelo dirigismo estatal.

tempo, ganhou densidade o ponto de vista de que o leninismo seria a fonte do regime staliniano.

De acordo com Véronique Garros, a noção de stalinismo, aceita com reservas no início da perestroika para qualificar a era aberta com a virada do final da década de 1920, teve rapidamente seu sentido estendido, com o avanço da crise, para definir todo o período da revolução, convertendo-se em sinônimo de leninismo e comunismo (GARROS, 1992).⁵

A evolução do posicionamento de Alexander Iakovlev, um dos arquitetos e estrategistas da perestroika, é representativa dessa mudança de olhar sobre Lênin. Em ensaio intitulado “Bolchevismo, doença social do século XX”, Iakovlev traduziu sua desilusão em linguagem crua e contundente.⁶ Sobre o ritmo em que os ícones comunistas eram abalados, registrou: “A vez de Lênin não tardou a chegar: todos os fatos relativos à sua atividade chocaram a população, que nada conhecia desse ‘hipercriminoso’” (IAKOVLEV, 2006, p. 189). E lamentou: “como é doloroso confessar que Ulianov-Lênin – diante do qual éramos obrigados a nos prostrar – era apenas um bandido de estrada. Foi ele quem aviltou nossa mãe pátria, a Rússia, atirando-lhe no braseiro, a fim de acender a ‘revolução mundial’” (2006, p. 209).

Contemporânea do fim da União Soviética, a biografia que Volkogonov elaborou sobre Lênin é iconoclasta. No capítulo intitulado “A sociedade unidimensional”, tentou demonstrar que o regime de Stalin tinha raízes no

período de Lênin. Sem poupar ironia, escreveu:

As páginas da história soviética após 1924 estão cheias do apelo invariável ‘regressar a Lenine’. A sociedade estava presa à ideia de Lenine, e em momentos críticos os seus sucessores ergueram o olhar para este ícone da divindade soviética e pediram ao seu espírito que viesse em seu auxílio (VOLKOGONOV, 2008a, p. 355).

Volkogonov elencou conjunturas capitais em que o espírito de Lênin foi convocado, por motivos diversos: na grande virada de Stalin, no início da coletivização; no discurso em que Kruschev denunciou os crimes de Stalin; no discurso que Gorbachev proferiu no septuagésimo aniversário da revolução, no início da perestroika. O livro sobre os sete chefes de Estado era uma sucessiva demonstração da instrumentalização da palavra de ordem do retorno a Lênin, sempre adaptada aos embates do presente, quaisquer que fossem (VOLKOGONOV, 2008b).

Assumindo a tarefa de derrubar o que chama de último bastião do bolchevismo, Volkogonov empenhou-se em denunciar que Lênin foi o primeiro a usar o trabalho escravo como meio de realizar a rápida conversão para uma economia socialista (VOLKOGONOV, 2008a, p. 363). Nesse mesmo sentido, prosseguiu: “foi na guerra contra os Kulaks⁷ que Lenine introduziu o termo ‘inimigo do povo’, inventou a tomada de reféns, organizou unidades penais no exército e criou os campos de concentração” (2008a, p. 372). Somente o colapso do “comunismo de guerra” (1918-21) teria imposto a flexibilização para a economia mista dos tempos da NEP (1921-28), que foi concluída

⁵ Abordei mais amplamente esse processo em outra intervenção (DIAS, 1995).

⁶ No Brasil, circulou no livro “Cortando o mal pela raiz”, espécie de continuação de “O livro negro do comunismo” (COURTOIS, 2006).

⁷ Vocábulo utilizado para designar os camponeses abastados ou vistos como tal.

quando Stalin voltou aos métodos do período anterior, ao impor a coletivização. Esta, enfim, teria começado “com métodos essencialmente formulados por Lenine” (VOLKOGONOV, 2008a, p. 376).

Abundam descrições de medidas repressivas, como ordens para executar sem julgamento, caso as normas não fossem cumpridas. Denunciou, também, as consequências da revolução para a *intelligentsia* e a liberdade de expressão e fruição cultural. Localizando o início da coerção no período de Lênin, anotou: “A orientação genérica de Lenine era, portanto, sujeitar a *intelligentsia* ao controle do partido, e fazer com que trabalhasse em benefício da revolução” (VOLKOGONOV, 2008a, p. 386).

Ao desenhar o perfil de Lênin, Volkogonov deteve-se em características pessoais e as entrelaçou com as questões amplas da revolução. Comentou, por exemplo, que Lênin, ao assumir o governo revolucionário, estava munido apenas de planos teóricos. Não tinha nenhuma experiência prática de governo. Em face disso, divagou: “quando confrontado com a montanha de problemas da Rússia, ficou simplesmente indefeso. Só lhe ocorreu confiscar, requisitar e expropriar tudo. Para o fazer, precisava apenas de um dispositivo, a ditadura impiedosa” (VOLKOGONOV, 2008a, p. 503).

Sem oferecer evidências conclusivas, especulou a relação entre essa suposta inaptidão e a doença que lhe ceifou a vida:

Bastaram alguns anos de poder bolchevique, com a pressão que lhes era inerente, para a vulnerabilidade nervosa de Lenine vir à superfície. Tudo indica que o poder ilimitado, não escrutinado e imenso exacerbou as tendências

patológicas da sua mente (VOLKOGONOV, 2008a, p. 442).

Reconheceu que Lênin não era pessoalmente cruel e vingativo, como fora Stalin, mas “estava disposto a cometer acertos de uma crueldade atroz em nome da revolução. (...) Acreditava que, se a mó da ditadura deixasse por um instante sequer de triturar, a revolução falharia” (VOLKOGONOV, 2008a, p. 503).

Uma das teses mais insistentes que defende, tanto na biografia de Lênin quanto no volume dedicado aos sete chefes de estado, é a de que, em 1917, teria havido um acordo entre o comando revolucionário bolchevique e o Estado maior alemão (VOLKOGONOV, 2008a e 2008b). O tema é contemporâneo da própria revolução, quando Lênin havia sido acusado por seus adversários de ter retornado para a Rússia em conluio com o Estado maior alemão, interessado em desestabilizar o governo provisório que sucedeu a Revolução de Fevereiro. Volkogonov retomou e estendeu o debate.

O historiador criticou a incensada estratégia do “derrotismo revolucionário” de Lênin, que considerava a derrota da Rússia na Grande Guerra⁸ fator de explosão revolucionária. Nesse sentido, lançou um olhar positivo para as posições de Alexander Kerenski, o chefe do governo provisório deposto pelos bolcheviques, que não queria “trair os aliados”, sugerindo que era mais patriótico manter-se na guerra. A atitude “quintacoluna” dos bolcheviques interessaria aos alemães e não à Rússia.

O tratado de Brest-Litovski (1918), em que os bolcheviques pactuaram a paz em condições desvantajosas, foi visto

⁸ Forma como a “Primeira Guerra Mundial” era conhecida em seu tempo.

como uma traição, espécie de cumprimento do acordo que teria sido feito com os alemães na conjuntura anterior: “o tratado de Brest-Litovski não era uma inevitabilidade; foi o preço pago pela desagregação do exército imperial russo e pelo apoio que os bolcheviques aceitaram dos alemães” (VOLKOGONOV, 2008a, p.218). Com isso, a Rússia teria sofrido dois desastres: a derrota na guerra e a revolução comunista.

Identificando-se com os rumos descortinados pela Revolução de Fevereiro de 1917, Volkogonov condenou o antiparlamentarismo de Lênin, o fechamento da Constituinte e os apelos reiterados ao terror vermelho:

Lenine não perdia oportunidade de passar a mensagem sobre a inevitabilidade do terror. (...) Os bolcheviques seguiam a sua própria hierarquia de valores morais. A falta de compaixão, o ódio de classe e o maquiavelismo eram as virtudes revolucionárias supremas. (...) Lenine pretende utilizar o medo como uma arma. (...) Em termos pessoais, Lenine não pode ser acusado de crueldade. Trata-se mais da crueldade social e filosófica de um líder. A sua justificação principal para a utilização do terror eram os interesses do proletariado (VOLKOGONOV, 2008a, p. 210-211).

Ao explicar a interligação entre as diferentes fases da revolução, comentou: “durante 25 anos após o 20º Congresso, o povo russo perguntou-se onde Estaline fora buscar a crueldade que infligira aos seus conterrâneos. Nenhum de nós – incluindo este autor – podia sequer imaginar que o pai do terrorismo interno russo, inclemente e totalitário, era Lenine” (VOLKOGONOV, 2008a, p. 392). Assim, o “sistema criado por Lenine

vigorou durante décadas tal como ele o construiu” (VOLKOGONOV-2008a, p. 399). Para ele,

tudo o que foi feito na Rússia soviética depois da morte de Lenine fez-se segundo o seu projeto, os seus preceitos e os seus princípios: O Estado totalitário, a sociedade burocrática, o domínio de uma única ideologia, o ateísmo militante, a economia planificada, a incrível exploração do trabalho, a infundável militarização do cidadão, a incansável procura de novos inimigos” (VOLKOGONOV, 2008a, p. 482).

Cada um dos três líderes tivera o seu papel a desempenhar: “Lenine foi o inspirador, Trotski o agitador, e Estaline o executor, e coube a Estaline concluir o projecto de Lenine de uma ditadura do proletariado na terra que estava ‘a construir o socialismo’” (VOLKOGONOV, 2008a, p. 290). Entretanto, “Trotski, o proscrito, sonhava com a difusão do projecto em todo o mundo, num modelo aperfeiçoado” (VOLKOGONOV, 2008a, p. 290).

Considerações finais

Ao mapear as tendências que vicejaram dentro da perestroika e após o fim da União Soviética, R. W. Davies escreveu: “Some historians offer easy solutions. Volkogonov’s Lenin unhesitatingly took the point of view that the October Revolution was an arbitrary event inspired by a Utopian ideology, and drove Russia away from the general path of human progress” (DAVIES, 1997, p. 127).⁹ A obra de Volkogonov está sujeita ao escrutínio

⁹ “Alguns historiadores oferecem fáceis soluções. O Lênin de Volkogonov tomou sem hesitação o ponto de vista de que a Revolução de Outubro foi um evento arbitrário inspirado por uma ideologia utópica e afastou a Rússia do caminho geral do progresso humano”.

do debate crítico, sobretudo em face da amplíssima bibliografia existente sobre a revolução soviética em âmbito internacional.

Entretanto, a partir do recorte privilegiado pela presente abordagem, mais do que debater se a interpretação de Volkogonov era uma solução historiográfica fácil, cabe entendê-la no contexto mais amplo da crise daquele país, pois se trata de um caso representativo da transição dos olhares sociais e da resignificação da memória histórica a respeito do regime soviético. Dialeticamente, a obra de Volkogonov se nutriu das vicissitudes e inquietudes características da crise de referências disseminadas naquela sociedade e as alimentou com a elaboração, no plano intelectual, da reescrita metódica da história.

Mesmo naquela situação de crise aguda, não havia um sentido unívoco no devir dos acontecimentos nem nas hipóteses de interpretação dos fatos próximos ou do passado mais remoto. Não é excessivo registrar que Gorbachev (2016), pelo que assegura em suas memórias, ainda hoje é um convicto defensor da ideia de que havia condições de reformar o edifício socialista. Seja como for, no final da perestroika a crise do imaginário histórico alicerçado no bolchevismo foi suficientemente representativa para desacreditar o ideário das reformas, interagir com a dinâmica da desintegração da União Soviética e alimentar os projetos de instituição do capitalismo (KAGARLITISKY, 1993). A obra de Volkogonov, escrita no calor dos acontecimentos e interagindo com eles a partir do cambiante posicionamento do historiador, é uma densa expressão desse processo.

Referências

DAVIES, R. W. *Censura e falsificações na história da URSS*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *Soviet history in the Yeltsin Era*. Macmillan press Ltd, 1997.

DIAS, Reginaldo B. A crise da memória durante a Perestroika e a emergência das alternativas derrotadas. In *Caderno de Metep* n. 5, 1995, p. 225-253.

FERRO, M. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: Ibrasa, 1983.

_____. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GARROS, V. Dans L'EX-URSS: de la difficulté d'écrire L'histoire. In *Annales ESC*, juillet-octobre 1992, n° 4-5, pp. 989-1002.

GORBACHEV, M. *Octubre y la perestroika: la revolución continúa*. Moscú: Editorial de La agencia de prensa nóvosti, 1987.

_____. *Perestroika*. São Paulo: Best Seller, 1987B.

_____. *Minha vida*. Barueri (SP): Amarilys, 2016

IAKOVLEV, Alexander. O bolchevismo, doença social do século XX. In: COURTOIS, S. (org.). *Cortar o mal pela raiz*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2006.

KAGARLITSKY, B. *A desintegração do monólito*. São Paulo: Unesp, 1993.

PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA. *História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS*. Recife: Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, 1999.

VOLKOGONOV, D. *Trotsky: eternal revolutionary*. London: Harpercollin Publishers, 1996.

_____. *Stalin: triunfo e tragédia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

_____. *Lenine: uma nova biografia*. Lisboa: Edições 70, 2008a.

_____. *Os sete chefes do Império Soviético*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b.